

As entrevistas semiestruturadas na pesquisa de campo: algumas considerações sobre o corte da cana-de-açúcar no noroeste paulista

Ana Carina Sabadin⁴⁵

Resumo:

A proposta deste texto é apresentar alguns trechos, reflexões e dificuldades acerca do trabalho de campo realizado em minha pesquisa de iniciação científica, focada na produção sucroalcooleira, mais precisamente no corte da cana-de-açúcar, marcado pela coexistência do trabalho manual e do mecanizado. O estudo foi situado no Noroeste Paulista, *locus* da expansão recente desta produção, no qual seria possível, sobretudo, contrastar as propostas de incentivo à “modernização” do setor com as práticas ainda utilizadas, reconhecidas pela degradação social do trabalho dos cortadores de cana. Buscou-se, com isso, primeiramente, elucidar as motivações econômicas que perpassam a escolha do tipo de produção a ser seguido no corte da cana-de-açúcar, para, colocar à prova a hipótese de que existem determinações políticas, sociais e culturais que também norteiam as estratégias do setor sucroalcooleiro e, por consequência, a coexistência desses dois tipos de corte. Esta pesquisa resultou em meu trabalho de conclusão de curso, intitulado de “Política e Sociedade: Estudo sobre as motivações não econômicas do corte da cana no Noroeste Paulista”, orientado pelo Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins.

Introdução

A construção da problemática da pesquisa aqui elucidada teve início durante algumas discussões em sala de aula, na disciplina “Projeto de Pesquisa Social”, ministrada, em 2011, pelo Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran na Universidade Federal de São Carlos. O objetivo dessa disciplina foi a elaboração de um projeto de pesquisa, visando à aplicação do conteúdo estudado em aula, que percorreu por todas as “etapas” para se criar um projeto, como por exemplo, a apresentação dos delineamentos dos tipos de pesquisa nas Ciências Sociais e das técnicas de observação e coletas de dados, a definição do objeto, a construção dos objetivos, das hipóteses e da problemática teórica e metodológica.

A proposta das primeiras aulas foi delimitar temas que nos interessasse e, a partir daí, fazer uma pesquisa bibliográfica no intuito de criar um problema de pesquisa. Eu já tinha interesse na Sociologia

⁴⁵ Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Rural, e já havia conversado com o Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins sobre um futuro projeto de iniciação científica orientado por ele. Resolvemos, portanto, que seria a partir desta disciplina que meu projeto nasceria.

Durante uma das primeiras aulas, cuja proposta foi uma roda de conversa acerca dos nossos futuros temas, falei sobre um assunto que me instigava bastante: o trabalho dos cortadores de cana. Por vir do Noroeste Paulista, marcado pela expansão da produção sucroalcooleira, sempre me inquietei ao pensar no porquê da existência dos cortadores de cana em meio a um cenário permeado por máquinas e tecnologias. Não que eu considerasse como um “atraso”, mas pensava nas condições de trabalho degradantes que permeiam esta atividade em meio ao surgimento de novas máquinas e tecnologias a todo momento. Busquei refletir, então, sobre as motivações que pudessem sustentar a coexistência do corte manual e mecânico no cenário do Rural Contemporâneo e, no decorrer do semestre, amadureci, junto aos dois professores o meu projeto de iniciação científica. No semestre seguinte, consegui aprovação do CNPq e dei início a minha pesquisa.

Neste texto, por sua vez, busquei narrar minha trajetória com a pesquisa de campo, realçando, dentre as experiências, as dificuldades encontradas no acesso a informações e entrada a campo, além dos caminhos que precisei seguir para dar continuidade à pesquisa. Procurei apresentar alguns relatos, seguindo o curso real da pesquisa e expondo pontos que considerei relevantes para elucidar esta trajetória e a construção de questões, das quais investiguei com mais profundidade em meu trabalho de conclusão de curso.

Potirendaba: O primeiro contato com a pesquisa de campo

De início, em 2012, propus a realização de um estudo de caso no município de Potirendaba, o qual me chamou a atenção pelo fato da usina ter sido instalada em 2006, enquanto projeto de expansão do setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo. Busquei, primeiramente, o contato com o Sindicato dos Trabalhadores Assalariados Rurais do município e assim conheci sua presidenta, a Rose, que me acompanhou no desenrolar da pesquisa, servindo, inclusive, de interlocutora para com os meus contatos em Novo Horizonte posteriormente. As conversas com a Rose me auxiliaram a compreender, junto à pesquisa bibliográfica, mais sobre as políticas de incentivo à expansão da produção sucroalcooleira e à modernização do setor, além das mudanças na legislação trabalhista no que tange aos trabalhadores assalariados rurais. Já as idas ao Sindicato, me permitiram observar algumas queixas dos trabalhadores frente à usina, principalmente em relação aos seus salários e condições de trabalho.

Elucido que a dificuldade maior encontrada nesta etapa da pesquisa foi o contato com a usina, motivo pelo qual precisei reestruturar meu projeto e mudar o município do estudo de caso, visto a extrema relevância do setor de recursos humanos destas empresas para o cumprimento do objetivo proposto inicialmente. Fui pessoalmente até a usina, mandei e-mails, liguei e não consegui nenhuma autorização para entrevistar os funcionários da usina de interesse da pesquisa e muito menos para acompanhar um dia de trabalho dos cortadores de cana. Quanto a esta última, obtive como resposta que, para minha “segurança”, não seria liberada. Alegaram sobre os “perigos” do aparecimento de animais peçonhentos no meio do canavial e, além disso, dos facões dos trabalhadores que claro, poderiam saltar a qualquer

momento em minha direção... Já em relação à primeira autorização, os funcionários me alertaram sobre seu sigilo perante ao grupo empresarial que havia comprado a usina em 2011. Atentei-me, então, ao fato dessa usina ter passado por um processo de internacionalização⁴⁶ e, conseqüentemente, me depararia com toda um cenário diferente, tendo em vista os maiores incentivos à mecanização.

Enquanto me dedicava a buscar uma solução para chegar ao setor de recursos humanos resolvi, então, conversar com a Rose sobre a possibilidade de me aproximar dos cortadores de cana. Cheguei à conclusão de que o melhor a fazer seria criar algo independente da autorização da usina ou até mesmo do sindicato. Lembrei que há alguns anos, havia passado por uma rua em um bairro afastado do centro da cidade, na qual vi um letreiro escrito “Paraíba’s bar”. Conversando com alguns amigos que residem na cidade, descobri que este bairro era habitado por trabalhadores migrantes que foram para a região trabalhar na colheita de limão, cana e laranja. Resolvi, então, passar uma tarde de sábado por lá e acabou que eu parei nesse bar. Considerei este dia como um contato prévio, pois pensava em retornar ao bairro e dar continuidade a minha busca de “pistas” que pudessem levar ao caminho até os objetivos propostos da pesquisa.

Meu primeiro contato foi com o senhor Menon, ex cortador de cana e dono do bar. Foi ele quem me apresentou outros quatro migrantes, os quais passei a tarde conversando. Atentei-me, neste dia, a conversas informais, das quais registrei em caderno de campo aquilo que mais consegui reter. Procurei saber sobre as motivações que os levaram a sair de suas cidades de origem, além de sua relação com a usina e com o sindicato e suas impressões sobre o trabalho que realizavam. Durante as conversas, percebi que havia um senhor inquieto que parecia querer me contar alguma coisa. Aproximei-me e o perguntei em que trabalhava. Era motorista de ônibus, estava na cidade “de passagem”, logo retornaria à Paraíba e traria mais trabalhadores para a região. Não me lembro do seu nome, mas o que consegui guardar desta breve conversa foi uma frase desse senhor ao descrever seu trabalho: *“Eu trago os iludidos e levo os arrependidos”*.

Novo Horizonte: Novos caminhos e redirecionamento da pesquisa

Passados alguns meses e não tendo conseguido a autorização para entrevistar os funcionários da usina de Potirendaba, meu orientador e eu resolvemos mudar o município escolhido da pesquisa para realizar o estudo de caso, além de procurar focar, por conta do curto espaço de tempo, mais nas expressões e impressões do setor de recursos humanos da nova usina. Pesquisei sobre as outras usinas da região e procurei, desta vez, alguns grupos familiares, tendo em vista minhas dificuldades com a usina anterior que havia sido internacionalizada. Descobri, então, duas usinas na cidade de Novo Horizonte, o que parecia interessante ao se pensar nas convergências e divergências entre elas, no que diz respeito, principalmente, à mecanização do corte e ao modo de contratação dos trabalhadores migrantes.

⁴⁶ A internacionalização do setor sucroalcooleiro representa uma realidade na qual empresas estrangeiras compram as usinas brasileiras e suas tecnologias. Deve-se ter em vista que o Brasil é o pioneiro no desenvolvimento de tecnologias na produção do açúcar e do etanol.

Conversei com a Rose e consegui o contato do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Horizonte, além do nome e telefone do encarregado do departamento de recursos humanos que eu deveria procurar em uma das usinas, a qual vou considerar aqui como Usina 1.

Além das conversas informais no município de Potirendaba, registradas no caderno de campo, como já havia delimitado no projeto de pesquisa, lançaria mão de métodos qualitativos de pesquisa social, e utilizaria como instrumento metodológico entrevistas semiestruturadas. Estas, segundo Fraser e Gondim (2004), permitem manter um nível de diretividade e ao mesmo tempo deixam o entrevistado livre para falar e privilegiar seus pontos de vista e explicações.

Posto isto, elaborei os roteiros de pesquisa a serem utilizados nas entrevistas com o representante sindical de Novo Horizonte e com o encarregado do departamento pessoal da Usina 1. Feito isso, entrei em contato com o Sindicato e consegui agendar uma conversa para o dia seguinte. Posteriormente, liguei para a usina e me informaram que o senhor que eu precisava conversar não estava na cidade. Porém, consegui deixar uma conversa marcada, também para o dia seguinte, com outro funcionário do setor, o Paulo.

Nesse dia, fui até o Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Novo Horizonte e observei todas as atividades que aconteciam enquanto esperava pelo Kleber. Havia um cabeleireiro dentro de uma das salas e eu percebi a fila que se formava de clientes, outras pessoas pareciam estar esperando pelo café e bolachinhas, outras só estavam lá assistindo tv. O movimento e o tamanho desse lugar me impressionaram. Alguns minutos depois, encontrei o representante sindical e realizei a entrevista, a qual me permitiu adentrar brevemente em assuntos referentes à criação das usinas, a vinda dos migrantes para a cidade e sua relação com as usinas, pensando na legislação trabalhista, nas greves, nas formas de pagamento e contratação dos cortadores de cana. Comentei que havia marcado uma conversa na Usina 1 e ele mesmo assinalou que seria interessante fazer o mesmo na Usina 2, apontando algumas diferenças entre elas, principalmente no que mais me interessava: a contratação. Consegui, com isso, o contato do assessor jurídico dessa usina e resolvi tentar a sorte e aparecer por lá, já que estava adiantada para a entrevista na Usina 1.

Chegando à Usina 2, o porteiro perguntou o que eu desejava e logo liberou minha entrada. Pedi informação sobre qual prédio precisava chegar, caminhei um pouco observando o movimento dentro da usina, e logo encontrei o prédio do setor de recursos humanos. Perguntei pelo Adauto, expliquei sobre a minha pesquisa e ele aceitou realizar a entrevista. Improvisei meu roteiro de entrevistas, pensando naquele que havia criado para a Usina 1, e obtive informações bastante relevantes referentes tanto à contratação dos trabalhadores migrantes quanto às justificativas daquela usina em se manter o trabalho manual. Dentre essas justificativas, além dos altos custos das máquinas e da declividade dos terrenos, me foi apresentado um fato que ainda não havia aparecido até então: a falta de mão de obra especializada em operar as máquinas colheitadeiras. Ademais, assim como a Rose, o Adauto apontou o corte manual como um procedimento “já estabelecido”. Questionei, portanto o que caracterizaria o corte manual como estabelecido, e consegui pistas de que a preocupação, neste caso, estava em torno da mão de obra, tendo em vista as dificuldades enfrentadas com a “nova configuração” da produção. Ainda me atentou, por outro lado, a dois arranjos institucionais que, por sua vez, estariam impulsionando a mecanização: a Norma Regulamentadora nº 31 (NR-31) e o Protocolo Agroambiental. Esses dois arranjos compuseram um capítulo da minha monografia, no qual discorri sobre as motivações políticas que influenciam as estratégias do setor sucroalcooleiro frente à mudança do corte manual para o mecânico da cana-de-açúcar. Ademais, a

existência da falta de mão de obra especializada em operar máquinas colheitadeiras abriu caminhos para se explorar a questão do trabalho do cortador de cana como sendo “desespecializado” (Antunes, 2011), o que pôde compor a investigação deste tipo de corte como sendo um procedimento já estabelecido, ou seja, já dado e estruturado.

Dando continuidade ao relato da pesquisa de campo, após a entrevista com o assessor jurídico, fui até o escritório do setor de recursos humanos da Usina 1, localizado no centro da cidade de Novo Horizonte, e procurei pelo Paulo. Iniciamos a entrevista, e percebi que muitas coisas convergiam com as impressões do Adauto, no que se referia aos arranjos institucionais e às dificuldades de se mecanizar completamente toda a produção. Logo descobri, inclusive, que esta usina possuía um plano de contratação completamente diferente da anterior (como já fora apontado pelo Kleber), o qual busquei explorar.

A diferença no contrato residia no fato de um ser assinado por tempo indeterminado, como no caso da Usina 2, e o outro, determinado (ou seja, por safra da cana-de-açúcar). Mais do que isso, enquanto a Usina 2 contratava os trabalhadores que vinham “em circuito”⁴⁷ pela região, a Usina 1, por sua vez, possuía um escritório de recrutamento instalado na cidade de Princesa Isabel e, segundo Paulo,

A contratação é feita diretamente pela empresa que vai até a Paraíba, na cidade de Princesa. E quem tiver interesse, procura o escritório da empresa lá, e faz o recrutamento lá já. [...] há uma grande procura. O pessoal quer muito vir pra cá, porque o salário é atrativo, em relação à realidade social que eles têm lá em Princesa (Paulo, analista de Recursos Humanos, Usina 1).

Com isso, já me atentei ao que Silva (2011) escreveu a respeito da estratégia de se contratar trabalhadores em suas cidades de origem e fechar contratos temporários. Segundo a autora, esta seria uma maneira de garantir o retorno destes migrantes a suas cidades de origem, o que impediria a formação de pequenos contingentes de desempregados nas cidades das usinas e teria como intuito, inclusive, evitar desarranjos na ordem social, política e policial. Ademais, em se tratando de controle e disciplina dos trabalhadores, Paulo informou que é comum alguns deles retornarem ao corte da cana na safra posterior, a depender, segundo ele da

[...] performance do colaborador, o desempenho do colaborador, que geralmente não dá trabalho, não pega muito atestado, tem um bom desempenho no trabalho, tá? E não causa problema para o encarregado (Paulo, analista de Recursos Humanos, Usina 1).

Procurei, portanto, saber mais sobre o funcionamento deste escritório e das contratações na cidade de Princesa Isabel, localizada na Paraíba. Entretanto, Paulo me informou que seria interessante conversar com seu chefe, Egídio, pois era ele mesmo quem fazia as contratações nesse escritório, o que me possibilitaria obter informações mais detalhadas. Porém, como era período de contratação naquele mês de janeiro, teria que esperar até sua volta, entre março e abril, quando todos os trabalhadores já estivessem instalados em Novo Horizonte.

Princesa Isabel: Investigando o mercado migratório

⁴⁷ Neste caso, segundo o entrevistado, os trabalhadores se organizam nas suas cidades de origem e saem “em circuito”, passando de usina a usina em busca de emprego no interior de São Paulo.

Resolvi, então, procurar saber mais sobre Princesa Isabel enquanto não conseguia a entrevista com o encarregado do departamento pessoal da Usina 1. Descobri que era uma cidade de aproximadamente 21 mil habitantes (IGBE, 2010), localizada no sertão da Paraíba, mais especificamente na região da Serra Teixeira. Acabei encontrando uma notícia sobre a “festa de retorno dos cortadores de cana de Princesa Isabel” no blog de um jornalista, o José. Esta notícia me deixou curiosa e resolvi lhe enviar um e-mail, procurando saber mais sobre essa festa no intuito de compreender a relevância da migração naquela realidade. Após alguns e-mails, resolvemos conversar por *Skype*. A partir desta pesquisa *in loco*, pude entrar em contato com algumas impressões sobre a cidade de Princesa Isabel, a existência do escritório de recrutamento e sobre a cidade de Novo Horizonte, muito bem conhecida na região da Serra Teixeira pela oferta de empregos na lavoura da cana-de-açúcar. Em relação à festa, além de denotar a recepção - o retorno- daqueles que passaram meses fora de casa, anunciavam a “prosperidade” da cidade, tendo em vista que o dinheiro levado por estes trabalhadores entraria em circulação, gerando o aumento das vendas no comércio e, movimentando, inclusive, o mercado imobiliário e automobilístico.

Com isso, nessa entrevista, busquei explorar questões em torno da importância da atividade canavieira do estado de São Paulo à região, mais especificamente da migração dos trabalhadores. José atentou-se em explicar sobre a mobilização de vários setores da cidade em promover a propaganda e o incentivo à migração para o corte de cana em Novo Horizonte, em especial. Relatou-me sobre as propagandas nas rádios, nos panfletos distribuídos nas ruas e nos cartazes colados nas paredes de bares e outros comércios. Além disso, informou ter dirigido um carro de som que passava por toda a região, anunciando quando seriam feitas as avaliações e contratações no escritório de recrutamento da Usina 1.

Durante a conversa, lembrei dos cartazes que vi no “Paraíba’s bar” e em outros comércios de Potirendaba, anunciando a venda de passagens de volta a algumas cidades do Nordeste. Resolvi, então, perguntar a José sobre as empresas de transporte, especializadas no trajeto Nordeste/interior de São Paulo e, cheguei à conclusão de que estas, no intuito de se autopromoverem, acabam por incentivar a migração e o trabalho sazonal, tanto na colheita da cana quanto da laranja e do limão, por exemplo, o que acaba por contribuir com o fluxo dos “iludidos” e dos “arrepentidos”, apontado pelo senhor do bar no início da pesquisa.

Os dados gerados até então, principalmente no que se referia ao escritório de recrutamento, o transporte e a disseminação das informações, apontavam para a existência de um mercado migratório. Recorri a noção de “mercado de trabalho migratório ordenado” de Silva (2011), no intuito de adentrar nesta discussão. Segundo a autora,

As especificidades desse mercado de trabalho, sustentadas pelo processo migratório interno de centenas de milhares de pessoas, contribuem para manter os elevados níveis de produtividade, os altos lucros das empresas e a intensificação dos níveis de exploração por meio da forma de pagamento do trabalho por produção (Silva, 2011, p. 18)

Através dessa perspectiva, pude encontrar um viés para pensar a ideia do corte manual como um procedimento “já estabelecido”, tendo em vista aquilo que mais marca esse tipo de produção: a mão de obra migrante.

Tendo isto em vista, busquei criar o roteiro de entrevista para o encarregado do departamento pessoal da Usina 1, no qual incorporei questões em torno da formação do mercado migratório de Princesa

Isabel a Novo Horizonte. Procurei saber mais sobre como funcionava o recrutamento dos trabalhadores, quais eram os critérios usados para escolhê-los, quem mais procurava o escritório, como era feita a disseminação de informações a respeito das vagas de trabalho na lavoura da cana-de-açúcar e o porquê da instalação do escritório nessa cidade.

Consegui marcar a entrevista, a partir da mediação da Rose e do Paulo, desta vez por telefone, tendo em vista a dificuldade de conciliar seus horários disponíveis com o meu deslocamento até a cidade. Os dados gerados a partir dessa entrevista, convergiram com as impressões do José sobre a importância econômica do “retorno dos cortadores” para a cidade e a disseminação das informações sobre a contratação no escritório, a partir das empresas de transporte, as rádios e os anúncios por meio dos carros, panfletos e cartazes. Ademais, Egídio acrescentou que os próprios migrantes, ou os interessados em migrar, repassam informações sobre o trabalho no interior de São Paulo a parentes e amigos, o que acaba por colaborar com esta “propaganda”. Nas palavras do entrevistado: *“Um ouviu a notícia e já esparrama, entendeu? É bem mais fácil de agrupar”*.

Esses dados abriram espaço para se pensar o mercado migratório a partir da ideia de redes de relações da Sociologia Econômica, a qual se caberia refletir sobre os contextos de referências para aqueles que precisam ou desejam migrar. Segundo Massey, as redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade ou conterraneidade” (1988: p. 396).

Aponto que, devido à falta de tempo, não consegui aprofundar esta questão, uma vez que seria necessário investigar, inclusive, a perspectiva dos próprios migrantes em torno dessas redes⁴⁸. Com isso, nesta etapa da pesquisa, coube investigar a partir das informações conseguidas, a rede de relações estabelecidas em Princesa Isabel, por meio do escritório de recrutamento e da transmissão de informações através da perspectiva de um morador da cidade, o José e do Egídio, quem faz essas contratações e elabora esquemas de “propagandas”.

O intuito desta etapa da pesquisa foi o de procurar conexões para se pensar o que contribuiria para que o corte manual fosse pensado como algo já estabelecido. A partir disso, busquei respaldo na Sociologia Econômica a fim de analisar a formação desse mercado migratório, pensando nas relações sociais envolvidas e na origem social desse fenômeno econômico, qual seja, a migração. O intuito desta análise, portanto, foi ilustrar como este mercado, pensado como um conjunto de estruturas de interação social (Steiner, 2005) contribui com a discussão da coexistência dos cortes manual e mecanizado na produção sucroalcooleira.

Considerações finais

Neste espaço, busquei narrar um pouco da minha trajetória com a pesquisa de campo, elucidando, mesmo que de maneira breve, alguns dos principais pontos abordados nas entrevistas, assim como algumas reflexões acerca da articulação com parte da bibliografia consultada e as dificuldades

⁴⁸ Justifico esta falta de tempo, tendo em vista que os migrantes chegariam à região no final do mês de abril, na mesma época em que precisaria estar com o trabalho de conclusão de curso e o relatório de iniciação científica prontos.

encontradas no decorrer deste trajeto. Argumento, com isso, que os dados gerados com a pesquisa de campo contribuíram, fundamentalmente, para colocar à prova a hipótese de que outras dimensões norteiam as estratégias do setor sucroalcooleiro que não a econômica.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a morfologia do trabalho. In: PLANCHEREL, A. A.; BERTOLDO, E. (Org.). *Trabalho e capitalismo contemporâneo*. Maceió: Edufal, 2011. p.16-46.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v.14 n.28, p. 139 -152, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades, 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=251230>> Acesso: 15 set. 2014.

MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. *Population and Development Review*, v. 14, n. 3, p. 383-413, set. 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1972195?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104847256647>> Acesso: 15 set. 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. *Perspectivas*, São Paulo, v. 39, p. 11- 46, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/4751>>. Acesso: 15 set. 2014.